

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do Centro Federal de Educação Profissional e
Tecnológica (Cefet/RJ) - Unidade de Petrópolis**

Petrópolis-RJ, 13 de setembro de 2008

Meu caro companheiro e amigo Sérgio Cabral, governador do estado do
Rio de Janeiro, e sua companheira Adriana Cabral,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Luiz Barretto, ministro do Turismo,

Meu caro Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Deputados federais Hugo Leal, Leandro Sampaio e Jorge Bittar,

Meu caro Rubens Bomtempo, prefeito de Petrópolis, e sua senhora
Luciane Bomtempo,

Senhor Eliezer Pacheco, secretário de Educação Profissional e
Tecnológica,

Senhor Miguel Badenes, diretor-geral do Cefet do Rio de Janeiro, por
meio do qual saúdo todos os professores do Cefet aqui presentes,

Meu caro Carlos Henrique Figueiredo Alves, vice-diretor do Cefet do Rio
de Janeiro,

Meu caro Carlos José, companheiro presidente do Sindicato dos
Metalúrgicos de Petrópolis,

Meu caro Paulo Bittencourt, diretor do Cefet de Petrópolis,

Nosso querido amigo dom Filippo Santoro, bispo de Petrópolis,

Nossa querida Sumara Brito, secretária municipal de Educação,

Nossa futura candidata a alguma coisa, aqui, a Tainara, pelo discurso
que fez está (inaudível),

Empresários,

Trabalhadores que contribuíram com a recuperação deste prédio que

abriga o Cefet,

Meus amigos e minhas amigas,

Recebi agora uma recomendação médica de que preciso encurtar o discurso, porque falar com o estômago vazio faz mal à saúde. Como o meu está vazio e o de vocês (também), vou tentar ser rápido.

Quero começar falando de duas emoções. A primeira emoção foi com o coral “Meninas Cantoras de Petrópolis”, quero dar os parabéns ao maestro Marco Aurélio Xavier. Eu ouço o Hino Nacional pelo menos umas duas, três vezes por dia, e nas viagens internacionais muito mais ainda. Quero dizer para vocês que foi uma das coisas mais extraordinárias que ouvi, o Hino Nacional brasileiro aqui. Ao maestro, também, cuide bem dessas meninas, porque elas têm futuro.

A outra coisa importante é aquela meninada ali, com a roupa do Cefet. Não vou mais citar nenhum número da Educação, porque o Fernando Haddad e o diretor do Cefet já falaram. Mas quero dizer para vocês o significado de um curso, sobretudo quando se trata de um curso em que se aprende uma profissão.

Eu digo, Sérgio, toda vez que encontro com adolescentes, que devo o que sou hoje a um curso profissional que fiz, lá pelos idos de 1960, no Senai, quando aprendi a minha profissão. Um homem ou uma mulher com uma profissão vale muito mais no mercado de trabalho do que um homem ou uma mulher sem uma profissão.

É importante dizer, sobretudo para a juventude: tenho oito irmãos, sou o caçula dos homens da minha família e fui o primeiro a conseguir meu diploma primário, fui o primeiro a conseguir um diploma do Senai. E, por conta desse diploma do Senai, fui o primeiro a trabalhar numa grande empresa, o primeiro a ter uma geladeira, um carro, uma televisão, e o único a chegar à Presidência da República. Por conta desse curso, arrumei emprego numa fábrica grande, virei presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, depois fundei uma Central Única, fundei um partido político, e agora cá estou eu.

Por que estou dizendo isso? Porque eu vivi crises de desemprego neste país e sei o que é um jovem sair para procurar emprego, sem profissão. E sei também o que é uma menina sair para procurar emprego, sem uma profissão.

Quando a gente não tem profissão e chega numa loja, num banco ou numa fábrica e pede emprego, e as pessoas perguntam o que a gente sabe fazer, se a gente disser que sabe fazer tudo, elas já sabem que a gente está mentindo, não vão pegar a gente; se a gente disser que não sabe fazer nada, elas vão pedir para a gente voltar depois, mas nunca mais vão nos atender. Se a gente disser que tem uma profissão, certamente elas vão ao computador fazer o nosso currículo, pegar endereço, porque em algum momento elas vão chamar a gente.

Neste país, em que passamos 22 anos – é muito tempo – em que a economia não crescia, os trabalhadores sabem que em nenhuma fábrica neste país tinha uma placa dizendo: “Precisa-se”, acabou essa placa. O que vimos, nos últimos 20 anos, foi diminuir a cada dia o número de trabalhadores com carteira profissional assinada neste país, e aumentar o número de trabalhadores na economia informal.

Agora que a economia começou a crescer durante 25 trimestres consecutivos, o que está acontecendo aqui em Petrópolis, na cidade do Rio de Janeiro, na cidade de São Paulo, nas capitais todas deste país? Está com falta de pedreiro, de ajudante de pedreiro, de azulejista, de soldador, de metalúrgico, de engenheiro e de muitas profissões. Grande parte das profissões deste país rareou no momento em que a economia começou a crescer.

Então, o nosso trabalho agora, do governo federal, do governo estadual, do governo municipal, dos empresários, é formar a quantidade de gente necessária que a gente não formou nos últimos 20 anos, porque não tinha mercado de trabalho para essas pessoas.

Quando vejo vocês com um avental, aprendendo um curso de telecomunicação, na área da TV digital – serão os primeiros técnicos do Brasil formados em TV digital aqui em Petrópolis, para o Brasil inteiro – eu acho extremamente importante. Vocês vão perceber que a vida de vocês vai mudar. Já mudou quando vocês entraram aqui, e vai melhorar muito mais quando vocês puderem se apresentar no mercado de trabalho dizendo: “Eu tenho um curso técnico feito no mais bonito Cefet do Brasil, que é o Cefet de Petrópolis”.

Para a mulher, o curso é ainda mais importante. Vocês sabem que a mulher, ao ter uma profissão, se valoriza muito mais, porque ela conquista

independência no mercado de trabalho, mas também sua independência na relação dentro de casa, com os pais e com o próprio marido.

Se a mulher tem uma profissão, entra no mercado de trabalho e pode partilhar com o seu marido as dívidas da casa, as compras das coisas da casa, ela tem um tom de liberdade. Se essa mulher não tem uma profissão e fica dependendo do seu marido apenas, pode sofrer coisas inconseqüentes, e às vezes não tem nem coragem de brigar, com medo do marido largá-la. Com uma profissão, essa mulher vai poder andar de cabeça erguida na rua, mas vai andar de cabeça erguida também dentro de casa, para dizer para o companheiro: “Olha, nós estamos juntos porque nos amamos, nos gostamos, porque queremos estar juntos, não estamos juntos por submissão econômica e não estamos juntos por medo”. É por isso que todas as vezes que as mulheres evoluem no mercado de trabalho, há uma evolução substancial no grau da independência da mulher no Brasil e no mundo. Portanto, parabéns às meninas que estão fazendo esse curso.

A última coisa. Por que nós resolvemos investir em educação? Na verdade, o que estamos fazendo, numa parceria com o governador Sérgio Cabral e com os outros governadores do Brasil, é fazer pelos filhos do Brasil e pelos filhos do Rio de Janeiro aquilo que nas últimas três décadas não foi feito.

Eu, particularmente, quero que o povo brasileiro tenha as oportunidades que não tive. Porque não consegui estudar o que acho que era preciso, quero que os jovens de hoje estudem. Fui aprender uma profissão e logo fui trabalhar. Então, quero que a juventude de hoje tenha a oportunidade que eu não tive. Possivelmente, muitos doutores que governaram este país, por já terem o seu diploma, não se importavam que os pobres ficassem sem diploma.

E aqui, Sérgio, merece uma menção honrosa a engenhosidade e a criatividade do ministro Fernando Haddad, quando ele me apresentou a proposta do ProUni. Na verdade, ele não era ministro ainda, era secretário-executivo do ministro Tarso Genro, mas a proposta era dele, que tinha apresentado no primeiro ano do meu governo e não foi possível colocá-la em prática. O que era o ProUni? O Estado não tinha dinheiro para fazer todas as universidades que precisava fazer, mas nós tínhamos muitas universidades particulares com vagas. Acontece que o povo mais pobre prestava vestibular, passava, e quando ia, em fevereiro, começar as aulas, a mensalidade custava

mil, mil e duzentos, mil e trezentos reais. E esse jovem voltava para casa; não tinha passado na Federal e não tinha dinheiro para pagar. Esse jovem se prostrava no sofá e estava determinado, na sua consciência, que ele seria um jovem sem futuro.

Pois bem, o ProUni, num acordo com as instituições privadas de ensino, fez uma isenção de impostos. E, por conta desse imposto, o valor equivalente ao que eles deixam de pagar para o governo, dão em bolsas de estudo. Aí é que é a grande revolução, Sérgio.

Hoje nós temos, no Brasil... eu vou dar aqui o número exato, porque esse é um dos meus motivos de orgulho como presidente da República deste país. Pode parecer ironia do destino, mas exatamente o presidente da República que não tem diploma universitário é o que mais vai fazer universidades e o que mais vai colocar gente na universidade.

Uma coisa importante, Sérgio. Tínhamos, no começo do ano, 385 mil jovens fazendo o ProUni. No 1º semestre entraram mais 48 mil alunos, portanto, já vai para 435 mil. E para o ano que vem vão entrar mais 100 mil alunos na universidade. Nós vamos chegar a mais de 500 mil alunos do ProUni, jovens da periferia, todos estudantes de escolas públicas que não teriam condições de estudar numa escola particular, porque não poderiam pagar. Quarenta por cento desses alunos são negros, para a gente recuperar a dívida histórica que temos com a segregação dos negros neste país. E só aqui no Rio de Janeiro, no começo do ano, já tínhamos quase 30 mil jovens no ProUni.

Nós, agora, para não ficarmos para trás, criamos o Reuni. O Reuni é um programa em que as universidades federais, as existentes e as novas, em vez de terem, em média, 12 alunos por professor, vão ter 18 alunos por professor, vai ter curso noturno. E a nossa expectativa é aquilo que o Fernando disse: em 2003 a gente colocava 113 mil jovens na universidade; no ano que vem vamos colocar 227 mil alunos, porque a cada ano nós vamos renovar essas vagas.

Essa é uma coisa prazerosa. E por que é prazerosa? É prazerosa porque este país só vai ser uma economia respeitada no mundo, grande, e vamos fazer parte dos países ricos, no dia que tivermos capacidade de exportar conhecimento e inteligência. Para isso, temos que investir na educação.

Uma outra coisa importante, Sérgio. Aqui no Rio de Janeiro temos 42 mil jovens matriculados no ProJovem. No Brasil todo são 238 mil jovens no ProJovem. O que é o ProJovem? É um programa em que a gente pega um jovem que tem de 15 a 24 anos, que já tinha desistido da escola, trazemos de volta para a escola, pagamos uma ajuda de custo, e ensinamos a ele uma profissão. Ele aprende o que não aprendeu na escola, porque desistiu, e ao mesmo tempo aprende uma profissão. Essa é, na minha opinião, a melhor arma para a gente combater a violência, o crime organizado e o narcotráfico em qualquer lugar do Brasil.

Estou extremamente feliz porque, nesses dois anos de mandato, em parceria com o companheiro Sérgio Cabral, vocês estão percebendo que nós estamos fazendo mais pelo Rio do que foi feito nos últimos 30 anos. Essa é uma coisa extraordinária porque quando dois governantes colocam na cabeça que foram eleitos para governar, que não foram eleitos para brigar, que foram eleitos para fazer as coisas para o povo, e a gente começa a levantar quais os problemas que tem em cada estado, qual a possibilidade de a União ajudar, qual a possibilidade de o governo do estado colocar uma parte, tudo fica mais fácil. É como passar manteiga no pão se a manteiga estiver mole, se ela estiver dura, de vez em quando fica difícil.

Mas aqui a manteiga está mole. Trabalhar com o Sérgio Cabral, assessorado pelo Pezão... sinceramente, eu não recebo um tratamento desses todo dia na minha casa, porque de vez em quando a dona Marisa engrossa comigo, mas o Cabral e o Pezão nunca engrossam. Talvez porque eu seja presidente e ele governador. Mas a relação que nós estamos tendo é uma relação que o Rio de Janeiro nunca viveu. É quase uma profecia que estamos cumprindo, quando fizemos um acordo em 2002. Eu dizia para o Sérgio: Sérgio, nós vamos fazer a mais extraordinária parceria entre o governo do Rio de Janeiro e o governo federal que já existiu em toda a história do Rio de Janeiro. Estamos fazendo e vamos fazer muito mais, porque já aprendi muito mais, ele já aprendeu muito mais. As coisas agora vão andar muito mais rápido.

Nós sabemos que o Rio de Janeiro pode ter condições, no governo deste menino, de dar um salto de qualidade extraordinário e fazer com que o povo do Rio receba do governo federal aquilo que ele tem direito, porque o Rio

de Janeiro, bonito como foi feito por Deus, com essas praias excepcionais, foi praticamente destruído por algumas pessoas, que permitiram que o Rio fosse administrado de forma desordenada.

Estamos recuperando isso. São muitos investimentos nas favelas do Rio de Janeiro que nós, amanhã, não queremos mais chamar de favelas. Queremos que quando a imprensa for lá não fale “Favela do Pavão-Pavãozinho, Favela de Manguinhos, Favela do Complexo do Alemão”. Nós queremos que ela fale: “O bairro de classe média do Pavão-Pavãozinho, o bairro da Rocinha”, porque é assim que nós precisamos sonhar o futuro dessas pessoas. Se a gente não der essa esperança, essas pessoas, sem perspectiva, não terão motivação, não terão auto-estima, e serão presas fáceis na mão da bandidagem.

Portanto, vai ser a nossa presença lá dentro, com educação, com saúde, com cultura, com lazer, com trabalho, com biblioteca, que vai ganhar do crime organizado, em alguns lugares do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Brasil afora.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, quero dizer para vocês... vocês estão percebendo que estou com uma camisa “Rio 2016”. É porque estou muito otimista que o Rio de Janeiro vai ganhar de Tóquio, de Chicago e de Madri, para sediar as Olimpíadas de 2016. Penso que hoje – essa é uma conquista que não é minha, é uma conquista nossa – o mundo já olha para o Brasil com mais respeito. O mundo, hoje, já olha para o Brasil sabendo que este país tem auto-estima, que o povo pobre está melhorando, que nós estamos crescendo mas estamos distribuindo aquilo que é o resultado do nosso crescimento.

E aí, Sérgio, entra a história do pré-sal. A descoberta da Petrobras, da jazida de petróleo a 6 mil metros de profundidade. Não sei se vocês sabem, são 2 mil metros de lâmina d’água, depois tem 3 mil metros de rocha, depois tem 2 mil metros de sal. Então, a 6 e 7 mil metros de profundidade encontramos petróleo e gás, muito petróleo e muito gás. Nós só temos um pequeno problema: a Petrobras está furando cada vez mais fundo, e se a gente não tomar cuidado, qualquer dia desses vem um japonezinho na broca da Petrobras. Então, temos que tomar cuidado para não agredir os outros.

Tenho dito aos companheiros que, com esse dinheiro do petróleo, a

gente vai fazer algumas coisas importantes. Primeiro, não vamos exportar petróleo cru, vamos exportar derivados, e, por isso, o Comperj, no Rio de Janeiro, já faz parte desse processo. Segundo, vamos recuperar a indústria naval brasileira e vamos fazer a indústria petrolífera brasileira ser uma das mais modernas do mundo. Terceiro, a gente vai recuperar a indústria petroquímica brasileira.

Agora, tem uma coisa sagrada, a mais sagrada de todas: é que uma parte desse dinheiro do petróleo será para investimento na educação e no combate à pobreza deste país.

Obviamente que isso não vai acontecer no meu governo. O processo todo de exploração do pré-sal começou agora, no Espírito Santo, vai começar em março no Poço Tupi, mas tem um tempo de maturação. A gente só vai começar a explorá-lo comercialmente mesmo, eu acho que lá para o final de 2010, 2011. E aí, que Deus abençoe quem vier depois de mim, para que faça muito mais e melhor do que nós fizemos. Esta é a grande chance que o Brasil tem, depois da sua independência: conquistar, definitivamente, junto com a sua independência política, a sua independência econômica e virar uma grande nação, porque penso que merecemos.

No mais, quero sair daqui com essa imagem maravilhosa, combinada com aquela imagem dos meninos e meninas maravilhosos. Cada vez que participo da inauguração de uma escola, saio dizendo que “eu saio mais brasileiro do que entrei aqui”.

Muito obrigado. Que Deus abençoe todos vocês, e que a gente continue fazendo as coisas de que o povo necessita.